



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Gama – FGA
Nome do Curso

Título: Subtítulo do Trabalho

Autor: Nome do Autor
Orientador: Titulação Acadêmica e Nome do Orientador

Brasília, DF
2013



Nome do Autor

Título: Subtítulo do Trabalho

Monografia submetida ao curso de graduação
em Nome do Curso da Universidade de Bra-
sília, como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Nome do Curso.

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Gama – FGA

Orientador: Titulação Acadêmica e Nome do Orientador

Coorientador: quando houver, Titulação Acadêmica e Nome do
Orientador

Brasília, DF

2013

Nome do Autor

Título: Subtítulo do Trabalho/ Nome do Autor. – Brasília, DF, 2013-
85 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Titulação Acadêmica e Nome do Orientador

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Gama – FGA , 2013.

1. Palavra-chave01. 2. Palavra-chave02. I. Titulação Acadêmica e Nome do
Orientador. II. Universidade de Brasília. III. Faculdade UnB Gama. IV. Título:
Subtítulo do Trabalho

CDU 02:141:005.6

Errata

Elemento opcional da [ABNT \(2011, 4.2.1.2\)](#). **Caso não deseje uma errata, deixar todo este arquivo em branco.** Exemplo:

FERRIGNO, C. R. A. **Tratamento de neoplasias ósseas apendiculares com reimplantação de enxerto ósseo autólogo autoclavado associado ao plasma rico em plaquetas:** estudo crítico na cirurgia de preservação de membro em cães. 2011. 128 f. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	10	auto-conclavo	autoconclavo

Nome do Autor

Título: Subtítulo do Trabalho

Monografia submetida ao curso de graduação em Nome do Curso da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Nome do Curso.

Trabalho aprovado. Brasília, DF, 01 de junho de 2013 – Data da aprovação do trabalho:

Titulação Acadêmica e Nome do Orientador
Orientador

Titulação e Nome do Professor Convidado 01
Convidado 1

Titulação e Nome do Professor Convidado 02
Convidado 2

Brasília, DF
2013

**A dedicatória é opcional. Caso não deseje uma, deixar todo este arquivo em
branco.**

*Este trabalho é dedicado às crianças adultas que,
quando pequenas, sonharam em se tornar cientistas.*

Agradecimentos

A inclusão desta seção de agradecimentos é opcional, portanto, sua inclusão fica a critério do(s) autor(es), que caso deseje(em) fazê-lo deverá(ão) utilizar este espaço, seguindo a formatação de *espaço simples e fonte padrão do texto (sem negritos, aspas ou itálico)*.

Caso não deseje utilizar os agradecimentos, deixar toda este arquivo em branco.

A epígrafe é opcional. Caso não deseje uma, deixe todo este arquivo em
branco.

*“Não vos amoldeis às estruturas deste mundo,
mas transformai-vos pela renovação da mente,
a fim de distinguir qual é a vontade de Deus:
o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito.
(Bíblia Sagrada, Romanos 12, 2)*

Resumo

O resumo deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento. A ordem e a extensão destes itens dependem do tipo de resumo (informativo ou indicativo) e do tratamento que cada item recebe no documento original. O resumo deve ser precedido da referência do documento, com exceção do resumo inserido no próprio documento. (...) As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecidas da expressão Palavras-chave:, separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto. O texto pode conter no mínimo 150 e no máximo 500 palavras, é aconselhável que sejam utilizadas 200 palavras. E não se separa o texto do resumo em parágrafos.

Palavras-chaves: latex. abntex. editoração de texto.

Abstract

This is the english abstract.

Key-words: latex. abntex. text editoration.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Pauta musical	31
Figura 2 – Notas musicais na clave de Sol	32
Figura 3 – Exemplos de compasso e seus respectivos tempos fortes e fracos	33
Figura 4 – Acidentes Musicais	33
Figura 5 – Armaduras de Clave	33
Figura 6 – Exemplo de Primeira Justa	34
Figura 7 – Exemplo de Quarta Justa	35
Figura 8 – Exemplo de Quinta Justa	35
Figura 9 – Exemplo de Oitava Justa	35
Figura 10 – Exemplos de Segunda Menor e Segunda Maior	35
Figura 11 – Exemplos de Terça Menor e Terça Maior	36
Figura 12 – Exemplos de Sexta Menor e Sexta Maior	36
Figura 13 – Exemplos de Sétima Menor e Sétima Maior	36
Figura 14 – Exemplos de Intervalos Aumentados	37
Figura 15 – Exemplos de Intervalos Diminutos	37
Figura 16 – Exemplo de Intervalo Composto	38
Figura 17 – Escala Cromática	38
Figura 18 – Exemplo de Escala Diatônica	39
Figura 19 – Escala de Dó Maior	39
Figura 20 – Escala de Fá Maior	39
Figura 21 – Escala de Lá Menor	39
Figura 22 – Escala de Mi Menor	40
Figura 23 – Exemplo de Contraponto de Primeira Espécie	41
Figura 24 – Exemplo de Contraponto de Segunda Espécie	41
Figura 25 – Exemplo de Notas Possíveis Representados em Grafo	42
Figura 26 – Exemplos de Grafo Não-Direcionado e Direcionado	43
Figura 27 – Exemplos de Grafo Não-DAG, DAG e Árvore	43
Figura 28 – Exemplo de DFS	44
Figura 29 – Exemplo de BFS	44
Figura 30 – Wavelets correlation coefficients	67

Lista de tabelas

Tabela 1 – Figuras Musicais	32
Tabela 2 – Propriedades obtidas após processamento	68

Lista de abreviaturas e siglas

Fig. Area of the i^{th} component

456 Isto é um número

123 Isto é outro número

lauro cesar este é o meu nome

Lista de símbolos

Γ	Letra grega Gama
Λ	Lambda
ζ	Letra grega minúscula zeta
\in	Pertence

Sumário

	Introdução	29
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
1.1	Teoria Musical	31
1.1.1	Notação Musical	31
1.1.2	Intervalos	34
1.1.2.1	Intervalos Justos	34
1.1.2.2	Intervalos Maiores e Menores	35
1.1.2.3	Intervalos Aumentados e Diminutos	36
1.1.2.4	Intervalos Compostos	37
1.1.3	Escalas	38
1.1.3.1	Escalas Maiores	39
1.1.3.2	Escalas Menores	39
1.1.4	Contraponto	40
1.1.4.1	Contraponto de Primeira Espécie	40
1.1.4.2	Contraponto de Segunda Espécie	41
1.2	Grafos	42
1.2.1	Grafos Direcionados Acíclicos	42
1.2.2	Travessia de Grafos	43
1.3	Paradigmas de Solução de Problema	45
1.3.1	Busca Completa	45
1.3.2	Programação Dinâmica	45
2	ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA	47
2.1	Revisão Sistemática	47
2.1.1	Planejamento	47
2.1.1.1	Questões de Pesquisa	47
2.1.2	Condução	47
2.2	Resultados	47
3	METODOLOGIA	49
3.1	Ciclo de Vida de Desenvolvimento	49
3.2	Ferramentas Utilizadas	49
3.3	Cronograma	49
4	RESULTADOS OBTIDOS	51

4.1	<i>Parser</i>	51
4.2	Algoritmo de Composição de Contrapontos	51
4.3	Experimentos	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5.1	Trabalhos Futuros	53
I	ASPECTOS GERAIS	55
6	ASPECTOS GERAIS	57
6.1	Composição e estrutura do trabalho	57
6.2	Considerações sobre formatação básica do relatório	58
6.2.1	Tipo de papel, fonte e margens	58
6.2.2	Numeração de Páginas	59
6.2.3	Espaços e alinhamento	59
6.2.4	Quebra de Capítulos e Aproveitamento de Páginas	59
6.3	Cópias	60
7	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ELEMENTOS TEXTUAIS	61
7.1	Introdução	61
7.2	Desenvolvimento	61
7.3	Uso de editores de texto	62
II	TEXTO E PÓS TEXTO	63
8	ELEMENTOS DO TEXTO	65
8.1	Corpo do Texto	65
8.2	Títulos de capítulos e seções	65
8.3	Notas de rodapé	65
8.4	Equações	66
8.5	Figuras e Gráficos	66
8.6	Tabela	68
8.7	Citação de Referências	69
9	ELEMENTOS DO PÓS-TEXTO	71
9.1	Referências Bibliográficas	71
9.2	Anexos	71
	REFERÊNCIAS	73

APÊNDICES	75
APÊNDICE A – PRIMEIRO APÊNDICE	77
APÊNDICE B – SEGUNDO APÊNDICE	79
 ANEXOS	 81
ANEXO A – PRIMEIRO ANEXO	83
ANEXO B – SEGUNDO ANEXO	85

Introdução

Desde sua criação, o computador é utilizado para automatizar tarefas antes realizadas por meio de esforço humano. Seja calculando ou montando partes de um automóvel, tais máquinas são capazes de realizar trabalhos de modo eficiente e com poucos erros. Contudo, uma barreira no uso de *softwares* e sistemas para automação de atividades encontra-se nas artes. Devido a seu caráter criativo e emocional, por muito tempo, imaginou-se ser impossível para um computador produzir arte – seja ela visual ou sonora. Mas é possível para uma máquina de calcular abstrair convenções de composição e compor peças musicais agradáveis aos ouvidos humanos (ref1)(refX).

A área de pesquisa responsável pelo estudo da composição musical automatizada é conhecida como composição algorítmica. Um *software* de composição algorítmica recebe parâmetros de entrada (como outras músicas, *inputs* de usuário ou dados randômicos) e, por meio de um algoritmo que possui convenções de composição como restrição, devolve uma melodia como saída (ref2).

Uma das áreas de composição musical passível de automatização é a composição de contrapontos musicais, melodias com qualidade harmônica coerente com a melodia principal(refContraponto). Sendo assim, este trabalho possui a seguinte questão de pesquisa: *Dada uma melodia monofônica, é possível gerar contrapontos palestrinianos algorítmicamente?*

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é a implementação de um *software* de composição de contrapontos palestrinianos. A aplicação será implementada em C++, terá como entrada uma melodia principal por meio de formatos digitais de representação de música, como *Lilypond*¹ e *MusicXML*², e como saída uma melodia que serve como contraponto para a melodia dada, de acordo com as restrições definidas pelo usuário na interface do programa.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

¹ <<http://lilypond.org/>>

² <<https://www.musicxml.com/>>

- implementar um algoritmo de leitura e interpretação de formatos digitais de representação de música;
- analisar os *softwares* de composição algorítmica de contrapontos já existentes;
- implementar um algoritmo de composição de contrapontos que respeite as restrições dos modos litúrgicos definidos.

Estrutura do Documento

Este documento divide-se em 4 capítulos. O capítulo 1 aborda a fundamentação teórica necessária para o projeto, trazendo conceitos de Engenharia de *Software* e da Teoria Musical. O capítulo 2 define a metodologia a ser utilizada, apresentando cronograma e a descrição específica das funcionalidades. O capítulo 3 apresenta os resultados obtidos: os algoritmos e o *software* desenvolvidos. O capítulo 4 traz as considerações finais, analisando o nível de sucesso do projeto e apresentando possibilidades de trabalhos futuros.

1 Fundamentação Teórica

Este capítulo apresenta a base teórica para o entendimento do algoritmo a ser implementado. Nele, são explicados conceitos referentes a teoria musical, grafos e paradigmas de solução de problemas. Na seção sobre teoria musical, são abordados os tópicos de notação musical, intervalos, escalas e contrapontos. Na seção sobre grafos, são explicadas classificações para um grafo, o que são grafos direcionados acíclicos e tipos de travessia em grafos. Na seção sobre paradigmas de solução de problemas, são abordados dois paradigmas de solução de problema: busca completa e programação dinâmica.

1.1 Teoria Musical

A música é a arte de combinar sons e silêncios. Segundo Med, a música é constituída, principalmente, por melodia, harmonia, ritmo e contraponto. A melodia caracteriza-se por sons em ordem sucessiva, enquanto a harmonia caracteriza-se por sons em ordem simultânea. O ritmo é a ordem e proporção do sons de uma música. Já o contraponto é definido por meio de duas melodias dispostas simultaneamente.

Os sons são parte fundamental da música. Cada som possui diversas características como altura (frequência do som que o torna mais grave ou mais agudo), duração, intensidade e timbre. Quando o som é regular (possui altura definida), ele pode ser expresso por meio de notação musical.

1.1.1 Notação Musical

As notas musicais são utilizadas para representar os sons de uma música. Há sete notas musicais – usualmente nomeadas Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si ou, respectivamente, C, D, E, F, G, A, B – que podem variar de acordo com a oitava ou acidentes musicais empregados, para representação de tais modificações, elas são dispostas em uma pauta, conforme exemplificado na Figura 1.



Figura 1 – Pauta musical

A pauta é utilizada para a representação de uma música, contendo linhas e espaços que definem a nota e em qual oitava está posicionada tendo como base a clave definida. Cada clave define uma nota específica e todas as outras notas da pauta são definidas a

partir desta. Por exemplo, a clave de Sol é a mais comumente usada e define que a nota da linha 2 é o G4 (Sol da quarta oitava, Figura 2).



Figura 2 – Notas musicais na clave de Sol

Além da altura, cada som possui uma duração representada pela figura musical na pauta. No sistema atual, começa-se pela semibreve, que possui valor 1. A partir dela, a próxima subdivisão equivale à metade do tempo da anterior. Sendo assim, a mínima possui metade da duração da semibreve e possui valor 2, a semínima possui metade da duração da mínima e possui valor 4 e assim sucessivamente. As figuras, seus valores e durações estão representados na Tabela 1.

Tabela 1 – Figuras Musicais

Nome	Figura	Valor	Duração
Semibreve	○	1	2 ♩
Mínima	♩	2	$\frac{1}{2}$ ○ ou 2 ♩
Semínima	♪	4	$\frac{1}{2}$ ♩ ou 2 ♪
Colcheia	♫	8	$\frac{1}{2}$ ♪ ou 2 ♫
Semicolcheia	♬	16	$\frac{1}{2}$ ♬

A duração em segundos de uma nota é definida pela sua figura e pelo andamento da música. O andamento define quantas notas de uma determinada figura de ritmo pode ser tocada em um espaço de tempo. Comumente, utiliza-se a quantidade de semínimas que podem ser tocadas durante um minuto para se definir o andamento de uma música.

Em uma pauta, as figuras de ritmo são agrupadas em compassos. Cada compasso pode agrupar um determinado número de notas de acordo com sua estrutura, definida pela quantidade de figuras e a figura de ritmo usada como base. Por exemplo, um compasso 3/4 possui 3 como a quantidade de valores e 4 como a figura de ritmo, sendo assim, esse tipo de compasso é preenchido por três semínimas – que possui valor 4. Desse modo, é possível também encaixar seis colcheias (que possui metade da duração de uma semínima) ou uma mínima e uma semínima em um compasso 3/4. Na música, a estrutura do compasso também define os tempos fortes e fracos da música. Em uma música 2/4, por exemplo, o primeiro tempo é forte (ou *arsis*) e o segundo tempo é fraco (ou *thesis*). Veja a Figura 3.

Outro elemento que pode ser representado na pauta são os acidentes musicais. Cada nota possui a distância relativa de um tom ou um semitom das notas adjacentes, como representado na Figura 4. Essa distância calculada em tons e semitons também



Figura 3 – Exemplos de compasso e seus respectivos tempos fortes e fracos

é utilizada para a definição de intervalos e pode ser modificada por meio de acidentes musicais.

Existem dois tipos de acidentes musicais, o bemol (♭) e o sustenido (♯). O bemol abaixa a nota original em um semitom, como exemplo, o Fá e o Sol possuem um tom entre eles, porém, o Fá e o Sol bemol possuem um semitom entre eles. Já o sustenido aumenta a nota original em um semitom. Outras variações desses acidentes são o dobrado bemol, que abaixa a nota em um tom, o dobrado sustenido, que aumenta a nota em um tom e o bequadro, que retorna uma nota modificada ao seu valor original. Os símbolos de cada acidente estão representados na Figura 4.

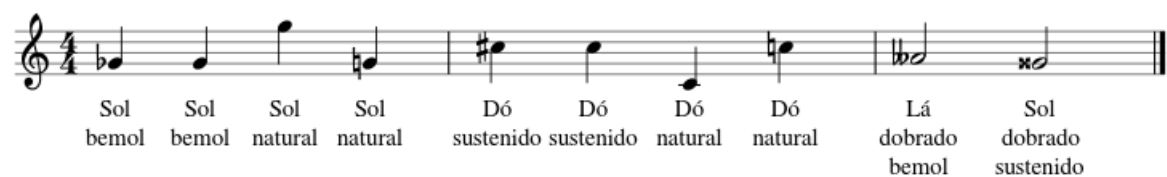


Figura 4 – Acidentes Musicais

Esses acidentes podem ser pontuais ou recorrentes durante uma música. Quando são pontuais, eles são expressos ao lado da nota que modificam, modificando também as notas de mesma altura naquele compasso. Quando são recorrentes, são representados no início da clave ou do primeiro compasso que modificam. Enquanto a representação pontual modifica apenas um único som em uma oitava específica, a representação no início modifica qualquer som daquela mesma nota, e a esse conjunto de acidentes representados no início da pauta dá-se o nome de armadura de clave. Veja a Figura 5.



Figura 5 – Armaduras de Clave

1.1.2 Intervalos

A diferença de altura entre duas notas pode ser classificada por meio de intervalos. Os intervalos podem ser harmônicos (quando se compara duas notas simultâneas) e melódicos (quando se compara duas notas em sequência). Um intervalo melódico pode ser ascendente, se a primeira nota for mais grave que a segunda, e descendente, se a primeira nota for mais aguda que a segunda.

Os intervalos também são classificados quantitativamente e qualitativamente. A classificação quantitativa de um intervalo tem como base a quantidade de notas entre as duas notas, incluindo-as e ignorando acidentes musicais. Por exemplo, a classificação quantitativa do intervalo entre o G4 (Sol na quarta oitava) e o E5 (Mi na quinta oitava) é sexta (6^a), que é a mesma que o intervalo entre G \sharp 4 (Sol sustenido na quarta oitava) e E \flat 5 (Mi bemol na quinta oitava). Já a classificação qualitativa tem como base o número de tons e semitons entre as duas notas analisadas. Dependendo da quantidade de semitons, o intervalo pode ser justo (no caso de intervalos de primeira, quarta, quinta e oitava), maior, menor (no caso de intervalos de segunda, terça, sexta e sétima), aumentados ou diminutos.

Cada intervalo pode ser classificado como consonante ou dissonante, uma classificação que define se o som provocado pelas duas notas soando seguidas ou em paralelo causam um efeito de repouso ou tensão, respectivamente. A classificação de um intervalo em relação ao seu efeito pode variar de acordo com a época ou estilo musical. Neste trabalho, será adotada a classificação correspondente às regras do contraponto modal do século XVI. (refContraponto)

1.1.2.1 Intervalos Justos

Os intervalos de primeira, quarta, quinta e oitava podem ser classificados como justos, dependendo da distância em semitons.

Uma nota é a primeira justa (1^aJ ou P1¹) de outra se elas tiverem a mesma altura, ou seja, apenas uma nota entre elas e nenhum semitom de diferença, esse intervalo também é chamado de uníssono (Figura 6).

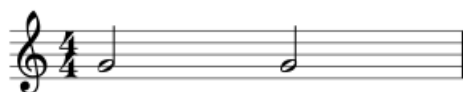


Figura 6 – Exemplo de Primeira Justa

A quarta justa (4^aJ ou P4) ocorre quando há quatro notas entre elas e a diferença é de dois tons e um semitom. Veja a Figura 7.

¹ Sigla para *perfect first*



Figura 7 – Exemplo de Quarta Justa

A quinta justa (5^{a}J ou $\text{P}5$) ocorre quando há cinco notas entre elas e a diferença é de três tons e um semitom. A Figura 8 traz um exemplo de quinta justa.



Figura 8 – Exemplo de Quinta Justa

A oitava justa (8^{a}J ou $\text{P}8$) ocorre quando há oito notas entre elas e a diferença é de cinco tons e dois semitons (Figura 9).



Figura 9 – Exemplo de Oitava Justa

Dentre os intervalos justos, todos, exceto a quarta justa, são considerados consonâncias perfeitas. Vale ressaltar que a quarta justa é considerada um intervalo consonante na música contemporânea. (refBohumil)

1.1.2.2 Intervalos Maiores e Menores

Os intervalos de segunda, terça, sexta e sétima podem ser classificados como maiores ou menores, dependendo da distância em semitons.

A segunda ocorre quando há duas notas entre elas. A segunda menor (2^{a}m ou $\text{m}2$) ocorre quando a diferença é de um semitom, já a segunda maior (2^{a}M ou $\text{M}2$) possui uma diferença de um tom. Veja a Figura 10.



Figura 10 – Exemplos de Segunda Menor e Segunda Maior

A terça ocorre quando há três notas entre elas. A terça menor (3^{a}m ou $\text{m}3$) ocorre quando a diferença é de um tom e um semitom, já a terça maior (3^{a}M ou $\text{M}3$) possui uma diferença de dois tons (Figura 11).



Figura 11 – Exemplos de Terça Menor e Terça Maior

A sexta ocorre quando há seis notas entre elas. A sexta menor (6^am ou m6) ocorre quando a diferença é de três tons e dois semitons, já a sexta maior (6^aM ou M6) possui uma diferença de quatro tons e um semitom. Veja a Figura 12.



Figura 12 – Exemplos de Sexta Menor e Sexta Maior

A sétima ocorre quando há sete notas entre elas. A sétima menor (7^am ou m7) ocorre quando a diferença é de quatro tons e dois semitons, já a sétima maior (7^aM ou M7) possui uma diferença de cinco tons e um semitom (Figura 13).



Figura 13 – Exemplos de Sétima Menor e Sétima Maior

Os intervalos de terça maior e menor e sexta maior e menor são classificados como consonâncias imperfeitas, enquanto os intervalos de segunda maior e menor e sétima maior e menor são classificados como dissonâncias.

1.1.2.3 Intervalos Aumentados e Diminutos

Se a distância em semitons das duas notas do intervalo não identificá-lo como justo, maior ou menor, ele será classificado como aumentado ou diminuto.

Intervalos aumentados possuem mais semitons que os intervalos justos ou maiores. Se o intervalo possuir um semitom a mais, ele é chamado de aumentado, se forem dois semitons a mais, é chamado de supraumentado, se forem três semitons a mais, é chamado de três vezes aumentado e assim sucessivamente, até os maiores intervalos possíveis que

são os cinco vezes aumentados. Na Figura 14, há exemplos de quarta aumentada (4ªA ou A4), quarta supraumentada (4ªSA ou SA4²) e quarta 3x aumentada (4ª3xA ou 3xA4³).



Figura 14 – Exemplos de Intervalos Aumentados

Intervalos diminutos possuem menos semitons que os intervalos justos ou menores. Se o intervalo possuir um semitom a menos, ele é chamado de diminuto, se forem dois semitons a menos, é chamado de superdiminuto, se forem três semitons a menos, é chamado de três vezes diminuto e assim sucessivamente, até os menores intervalos possíveis que são os cinco vezes diminutos. Na Figura 15, há exemplos de sexta diminuta (6ªd ou d6), sexta supraumentada (6ªsd ou sd6⁴) e sexta 3x aumentada (6ª3xd ou 3xd6⁵).



Figura 15 – Exemplos de Intervalos Diminutos

Os intervalos aumentados e diminutos são classificados como consonantes e dissonantes de acordo com os intervalos justos, maiores e menores que possuem a mesma distância em semitons, por exemplo, o intervalo de quarta supraumentada é considerado consonante pois possui a mesma distância em semitons que a quinta justa, embora sua classificação quantitativa seja a mesma que a quarta justa, classificada como dissonância. Por causa disso, os intervalos aumentados e diminutos são considerados dissonâncias condicionais.

1.1.2.4 Intervalos Compostos

Se um intervalo ultrapassar a oitava justa, quantitativa ou qualitativamente, ele é considerado composto. Intervalos compostos tem sua classificação definida de acordo com seus correspondentes simples. Para classificar um intervalo composto, divide-se o valor quantitativo por 7 e o resto é utilizado para definir seu equivalente simples, por exemplo, uma 15ª corresponde a uma 1ª.

Para a análise quantitativa, divide-se o valor de semitons por 12 e o resto é utilizado para definir se ele é justo, maior, menor, diminuto ou aumentado, por exemplo uma 10ª

² Notação utilizada no código para intervalos supraumentados

³ Notação utilizada no código para intervalos 3x, 4x e 5x aumentados

⁴ Notação utilizada no código para intervalos superdiminutos

⁵ Notação utilizada no código para intervalos 3x, 4x e 5x diminutos

com uma diferença de 16 semitons é equivalente a uma 3ª com 4 semitons, sendo uma 3ª maior, logo, o intervalo analisado é uma 10ª maior.

Os intervalos compostos são, basicamente, seus equivalentes simples somados a oitavas justas, como exemplificado na Figura 16. O intervalo de oitava aumentada é considerado composto e é equivalente ao intervalo de primeira aumentada.



Figura 16 – Exemplo de Intervalo Composto

1.1.3 Escalas

Segundo Med, escala é o conjunto de notas disponíveis em um sistema musical. As notas presentes em uma escala possuem intervalos específicos entre si. As escalas podem ser classificadas quanto ao número de notas, sendo as mais conhecidas a pentatônica (cinco notas), a hexacordal (seis notas), a heptatônica (sete notas) e a cromática (doze notas). A escala cromática, por exemplo, possui todas as dozes notas (com e sem acidentes) de uma oitava, tendo intervalos de segunda menor ou primeira aumentada entre elas (Figura 17).



Figura 17 – Escala Cromática

Outra classificação é quanto à utilização, as mais conhecidas são as escalas classificadas como diatônicas, que possuem oito notas, sete distintas e a última sendo a primeira uma oitava acima, possuindo intervalos de segunda maior ou menor entre elas. Em uma escala diatônica, pode-se definir quais notas fazem parte dela observando a armadura de clave presente na partitura. Por exemplo, na escala representada na figura 18, há uma armadura de sustenindo em F (Fá) e em C (Dó), logo, a escala possui as seguintes notas: D, E, F#, G, A, B e C#. Músicas compostas nessa escala não podem possuir notas como Ab, B# ou C, a não ser em caso de acidentes pontuais, definidos pelo compositor. Cada nota de uma escala diatônica possui um grau (que varia de um a sete) e um nome específicos. A principal nota é a de grau I, chamada tônica. Ela dá nome à escala e a inicia, tendo todas as outras notas definidas a partir dela.



Figura 18 – Exemplo de Escala Diatônica

1.1.3.1 Escalas Maiores

As escalas diatônicas podem ser classificadas como maiores ou menores. As escalas maiores iniciam na tônica e possuem os seguintes intervalos, em tons, entre notas consecutivas: tom - tom - semitom - tom - tom - tom - semitom. Classificando os intervalos, são: 2ªM - 2ªM - 2ªm - 2ªM - 2ªM - 2ªM - 2ªm. Na Figuras 19 e 20, estão representadas as escalas de Dó maior (que não possui nenhum acidente musical em sua armadura) e a de Fá maior (que possui um bemol em Si em sua armadura), respectivamente.



Figura 19 – Escala de Dó Maior



Figura 20 – Escala de Fá Maior

1.1.3.2 Escalas Menores

Assim como as escalas maiores, as escalas menores iniciam na tônica e possuem os seguintes intervalos, em tons, entre notas consecutivas: tom - semitom - tom - tom - semitom - um tom e meio - semitom. Classificando os intervalos, são: 2ªM - 2ªM - 2ªm - 2ªM - 2ªM - 2ªM - 2ªm. Nas Figuras ?? e 22, estão representadas as escalas de Lá menor (que não possui nenhum acidente musical em sua armadura) e a de Mi menor (que possui um sustenido em Fá em sua armadura).



Figura 21 – Escala de Lá Menor



Figura 22 – Escala de Mi Menor

As escalas são utilizadas na composição de contrapontos definindo quais notas podem ser utilizadas para a geração do contraponto, de acordo com a escala da melodia principal.

1.1.4 Contraponto

Contraponto é a arte de tornar independentes linhas melódicas de expressão autônoma (refKoellreutter), ou seja, combinar duas linhas melódicas simultâneas de forma que sejam melódicamente independentes, mas harmonicamente interdependentes. O objeto de estudo desse trabalho é o contraponto modal do século XVI, também chamado de contraponto palestriniano. Esse tipo de contraponto possui diversas espécies, cada uma definida pelo número de notas que um contraponto deve ter para cada nota da melodia principal (ou *cantus firmus*). Nesse trabalho, serão tratados os contrapontos de primeira e segunda espécie (Figuras 23 e 24).

1.1.4.1 Contraponto de Primeira Espécie

O contraponto de primeira espécie possui as seguintes regras (refContraponto):

1. deve haver uma nota no contraponto para cada nota do *cantus firmus*;
2. os intervalos harmônicos entre o contraponto e o *cantus firmus* devem ser consonantes;
3. deve-se começar e terminar em consonâncias perfeitas;
4. se o contraponto for inferior (suas notas são mais graves que a do *cantus firmus*), somente a oitava justa e o uníssono podem ser usados no início e no final;
5. o uníssono só pode ocorrer no início ou no final;
6. não é permitido oitavas e quintas paralelas (dois ou mais intervalos de oitavas ou de quintas seguidos);
7. os intervalos não podem ser maiores que uma décima maior (10ªM);
8. só são permitidos, no máximo, quatro intervalos seguidos de terças ou sextas (maiores ou menores) seguidos;

9. se o movimento for paralelo, os intervalos melódicos devem ser menores que uma quarta ou um salto de oitava;
10. deve-se priorizar movimento contrário (utilizar intervalo melódico ascendente se o *cantus firmus* estiver em intervalo melódico descendente e vice-versa).



Figura 23 – Exemplo de Contraponto de Primeira Espécie

1.1.4.2 Contraponto de Segunda Espécie

O contraponto de segunda espécie possui, além das regras do contraponto de primeira espécie, as seguintes regras (refContraponto):

1. dissonâncias podem ser utilizadas em *arsis* (porções não-acentuadas do compasso);
2. as dissonâncias podem ser utilizadas apenas como nota de passagem, entre duas consonâncias e formando um grau conjunto, isto é, o intervalo melódico; entre a nota anterior e posterior à nota que provoca dissonância deve ser de segunda, maior ou menor;
3. o uníssono só pode ser utilizado no início, final ou em *arsis*;
4. se o uníssono for alcançado por salto (intervalo maior que uma segunda), deve ser deixado em grau conjunto na direção oposta à do salto;
5. evitar quintas e oitavas em *thesis* sucessivas, por se aproximarem de quintas e oitavas paralelas.



Figura 24 – Exemplo de Contraponto de Segunda Espécie

1.2 Grafos

Na geração de um contraponto, cada nota dele depende da nota dos *cantus firmus* tocada em simultâneo devido a regras definidas com base no intervalo harmônico – como a proibição de intervalos dissonantes, por exemplo. Porém, as notas disponíveis para um dado tempo do contraponto também depende das notas anteriores a ela devido a regras relacionadas à intervalos melódicos e repetição ou uso demasiado de intervalos harmônicos repetidos – como a proibição de oitavas paralelas. Sendo assim, a nota atual define, em conjunto com a próxima nota do *cantus firmus*, quais notas podem ser empregadas no próximo tempo. Dada tal organização, essa estrutura pode ser representada por um grafo.

Grafo é uma estrutura formada por vértices (os nós que representam a unidade fundamental da estrutura) e arestas (ligações que indicam quais outros vértices podem ser alcançados a partir de um). Na Figura 25 está representado um exemplo de estrutura formada pelas notas possíveis em um contraponto. Vale ressaltar que, como a estrutura do contraponto não é diretamente representada por um grafo na solução proposta, ela é definida como um grafo implícito (refCP).

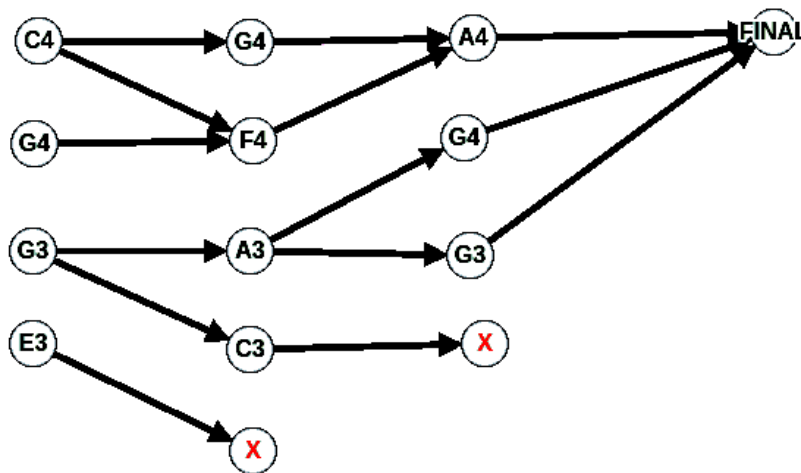


Figura 25 – Exemplo de Notas Possíveis Representados em Grafo

1.2.1 Grafos Direcionados Acíclicos

Um grafo pode possuir diversas classificações. Uma classificação clássica é quanto à sua direção. Se as arestas de um grafo não definem a direção da ligação, isto é, se os vértices X e Y estão ligados por uma aresta, significa que X é diretamente alcançável (apenas um vértice é necessário para navegar da origem ao destino) a partir de Y e Y é diretamente alcançável a partir de X, esse grafo é classificado como não-direcionado. Mas se as arestas possuem direção e X ser diretamente alcançável por Y não garante que Y é diretamente alcançável a partir de X, esse grafo é direcionado (refCP). Veja a Figura 26.

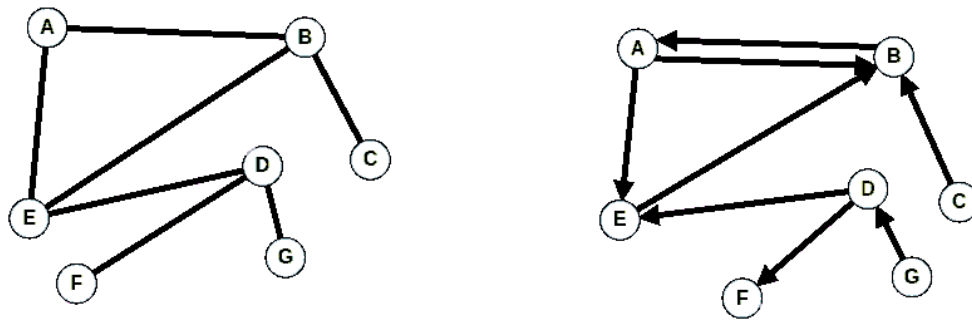


Figura 26 – Exemplos de Grafo Não-Direcionado e Direcionado

Grafos direcionados podem ser classificados como cíclicos ou acíclicos. Grafos acíclicos são grafos que não possuem ciclos, isto é, para todo vértice A , se A alcança B , B não alcança A . Se para pelo menos um par de vértices A e B , A alcançar B e B alcançar A , esse grafo é considerado cíclico.

Dadas tais definições, é possível perceber que a estrutura do contraponto é um grafo direcionado acíclico (ou DAG, sigla para *Direct Acyclic Graph*). Nesse tipo de grafo, cada vértice possui um ou mais pais – vértices que apontam para ele. Assemelhando-se à estrutura de uma árvore (grafo com raiz definida como o único vértice sem pai e que cada outro vértice tem apenas um pai), o DAG difere-se por cada vértice por ter mais de um pai e vários vértices sem pai, mas mantém a propriedade de ser navegável em apenas uma direção, impedindo a formação de *loops* que tornariam a exploração da solução um processo infinito. A Figura 27 exemplifica esses três tipos de grafos.

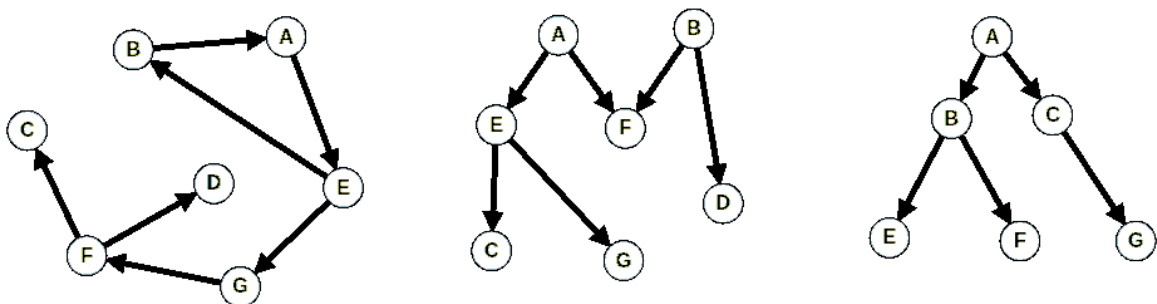


Figura 27 – Exemplos de Grafo Não-DAG, DAG e Árvore

1.2.2 Travessia de Grafos

Há diversas formas de se visitar todos os vértices de um grafo. O número total de formas é igual ao fatorial do número de vértices, pois uma travessia difere-se de outra apenas pela ordem em que os vértices são visitados. Contudo, algumas travessias possuem propriedades específicas e utilizam as arestas para definí-las. As duas travessias mais

conhecidas são a busca por profundidade (DFS, sigla para *Depth-First Search*) e a busca por largura (BFS, sigla para *Breadth-First Search*).

A busca por profundidade funciona de forma recursiva. Primeiramente, um vértice é escolhido como o vértice inicial, antes de explorá-lo (analisar o valor contido no vértice), visitamos todos as suas conexões, para cada vértice conectado, antes de explorá-lo, visitamos sua conexões. Esse processo de visita ocorre até atingir um vértice que não possui arestas ou possui apenas conexões já visitadas. Ao chegar nesse ponto, o algoritmo explora, recursivamente, os vértices previamente visitados. Utilizando uma estrutura de dados conhecida, uma DFS pode ser implementada por meio do uso de pilhas, devido à propriedade delas que definem que o último a entrar na estrutura é o primeiro a sair. Veja a Figura 28.

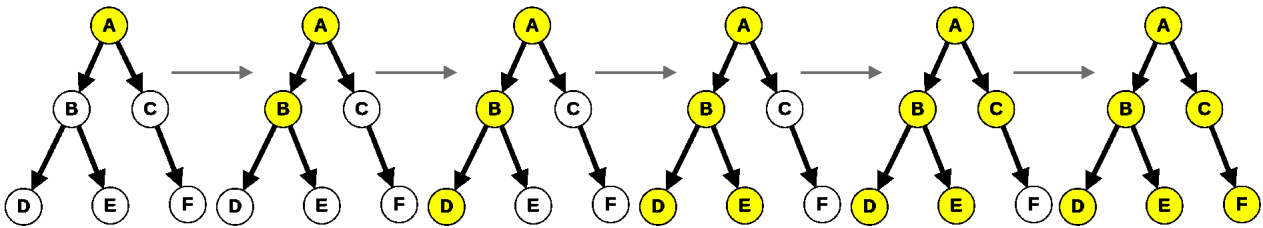


Figura 28 – Exemplo de DFS

A busca por largura inicia em um vértice e visita todos os filhos (vértices para os quais o vértice atual aponta) antes de visitar os filhos destes. Desse modo, em um DAG, o primeiro nível (composto por vértices sem pai) é completamente visitado antes de o segundo nível (filhos destes) ser visitado e assim sucessivamente. Utilizando uma estrutura de dados conhecida, uma BFS pode ser implementado por meio do uso de filas devida à propriedade delas que define que o primeiro a entrar na estrutura é o primeiro a sair. Veja a Figura 29.

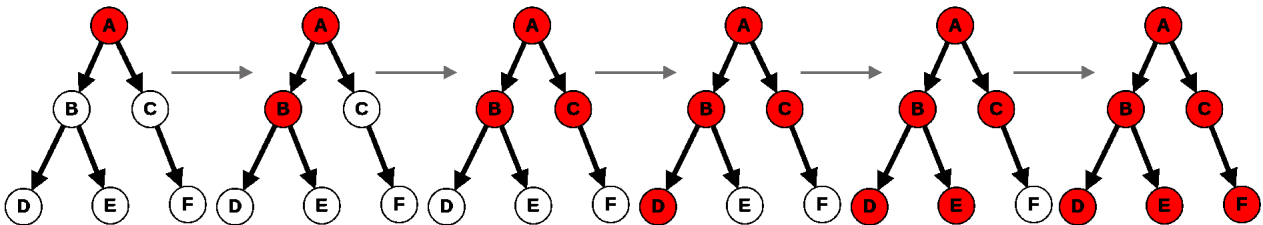


Figura 29 – Exemplo de BFS

Para a solução proposta nesse trabalho será usada a DFS por dois motivos. O primeiro é que a DFS chega a uma folha (vértice sem filhos) primeiro, o que é interessante para a solução pois busca-se a primeira solução disponível. O segundo motivo é que a DFS permite que seja utilizado um único vetor, inserindo e retirando no final deste (consequentemente, funcionando de forma análoga a uma pilha), economizando memória

e diminuindo o tempo de execução que levaria para fazer cópias do vetor em uma BFS, pois o comportamento análogo a uma fila exigiria isso.

1.3 Paradigmas de Solução de Problema

O objetivo de encontrar uma sequência de notas que se encaixe nas regras do contraponto pode ser alcançado pela análise de todas as combinações de notas possíveis, verificando se cada uma delas atende às regras e retornando como resposta a primeira sequência que atender. A esse tipo de busca pela solução se dá o nome de Busca Completa.

1.3.1 Busca Completa

Na Busca Completa, todo ou parte do espaço de soluções possíveis é explorado (refCP). No código ?? é possível observar a geração de todas as combinações de notas possíveis para um contraponto. Contudo, nesse caso, tal abordagem possui alta complexidade em termos de execução. Suponhando um espaço amostral com 90 notas disponíveis e um *cantus firmus* com 50 notas, apenas para o contraponto de primeira espécie há 50^{90} sequências possíveis.

EXEMPLO CÓDIGO

Para diminuir a complexidade de uma busca completa, podas podem ser aplicadas. Podas são aplicadas quando uma parte gerada da solução já indica que ela certamente não gerará uma solução. No caso do contraponto, por exemplo, podemos podar soluções parciais que já apresentem um número de movimentos reversos maior que o definido pelas regras mesmo antes de chegarem à última nota.

1.3.2 Programação Dinâmica

Mesmo após a aplicações de todas as podas possíveis, ainda há o caso de diversos estados serem recalculados. Como explicado anteriormente, uma nota em nosso grafo pode ter mais de um pai, isto é, mais de uma nota pode ter a nota atual como a seguinte em uma possível solução. Entretanto, uma vez alcançada a nota atual, o resto da solução é o mesmo, sendo redundante calcular esse estado (e se ele levará a possíveis soluções ou não) mais de uma vez. Tendo estados que se repetem entre soluções, é possível aplicar um paradigma de solução de problemas chamado Programação Dinâmica.

A Programação Dinâmica (ou DP, sigla para *Dynamic Programming*) é um paradigma de solução de problema baseado em estados, transições e casos-base (refCP). Cada estado resolve um problema e para isso ele precisa resolver subproblemas. A forma como o estado atual se relaciona com seus subestados é denominada transição.

Dada a forma recursiva como a DP funciona, casos-base garantem que o algoritmo não assuma uma forma infinita. Esses casos são aqueles com solução trivial que não necessita da resolução de subproblemas para respondê-la. A ideia central da DP é que subproblemas se repetem durante a solução, portanto, um estado já calculado deve ter seu resultado armazenado para futuras consultas que provavelmente acontecerão durante a resolução do problema.

Um exemplo clássico de como uma DP pode agilizar a resolução de um problema com subestados repetidos é o cálculo da sequência de Fibonacci. Os números da sequência de Fibonacci seguem a seguinte regra:

$$F(n) = \begin{cases} n & \text{se } n \leq 1 \\ F(n-1) + F(n-2) & \text{c.c.} \end{cases}$$

No cálculo dos números de Fibonacci, o estado em uma dada posição N é o valor do N -ésimo número de Fibonacci. Para calculá-lo, utiliza-se os dois números de Fibonacci anteriores a ele na sequência, sendo essa a transição do algoritmo. Os únicos dois casos em que o cálculo não necessita dos dois anteriores são os números de Fibonacci nas posições 0 e 1, para esses, a solução é, por definição, 0 e 1, respectivamente. Dessa forma, 0 e 1 são nossos casos-base.

Tomando como exemplo o cálculo de $F(5)$, calculando-o sem memorização de estados, é necessário calcular $F(4)$ e $F(3)$. Para calcular o $F(4)$, é preciso calcular o $F(3)$ e o $F(2)$. Sem a memorização, após o cálculo do $F(4)$, o $F(3)$, que já havia sido calculado para o $F(4)$, será recalculado, bem como o $F(2)$ para o cálculo do $F(3)$. Contudo, se o valor de $F(3)$ for memorizado em alguma estrutura de dados (geralmente um vetor) para consultas futuras, seria necessário calcular cada estado apenas uma vez. Na figura ?? há um comparativo entre a árvore de chamadas para $F(5)$ com e sem a memorização característica de uma DP.

FIGURA ARVORE SEM DP X COM DP

Neste trabalho, a DP será utilizada para a geração do contraponto. O estado sendo caracterizado por uma dada nota em uma dada posição no contraponto com um número específico de movimentos paralelos e terças e sextas paralelas. A transição é definida pela solução da próxima nota no contraponto, partindo da nota atual. O caso-base é definido por quando o algoritmo atinge o final do *cantus firmus*, retornando que aquela solução é válida, já que não foi podada nenhuma vez durante a construção daquela solução.

2 Análise Bibliográfica

2.1 Revisão Sistemática

2.1.1 Planejamento

2.1.1.1 Questões de Pesquisa

2.1.2 Condução

2.2 Resultados

3 Metodologia

A implementação do *software* utilizará a metodologia ágil *Extreme Programming (XP)* como ciclo de vida de desenvolvimento, dado o escopo, o nível de definição dos requisitos e o tamanho da equipe. Sendo dividido em iterações que evoluem a aplicação de forma incremental. Além disso, será realizada uma revisão sistemática do tema a fim de se levantar o que já foi produzido e quais são as lacunas deixadas por eles, isso permitirá que o escopo do projeto seja definido de forma que traga algo relevante, baseado no que já foi feito.

3.1 Ciclo de Vida de Desenvolvimento

3.2 Ferramentas Utilizadas

3.3 Cronograma

4 Resultados Obtidos

4.1 *Parser*

4.2 Algoritmo de Composição de Contrapontos

4.3 Experimentos

5 Considerações Finais

5.1 Trabalhos Futuros

Parte I

Aspectos Gerais

6 Aspectos Gerais

Estas instruções apresentam um conjunto mínimo de exigências necessárias a uniformidade de apresentação do relatório de Trabalho de Conclusão de Curso da FGA. Estilo, concisão e clareza ficam inteiramente sob a responsabilidade do(s) aluno(s) autor(es) do relatório.

As disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) 01 e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) 02 se desenvolvem de acordo com Regulamento próprio aprovado pelo Colegiado da FGA. Os alunos matriculados nessas disciplinas devem estar plenamente cientes de tal Regulamento.

6.1 Composição e estrutura do trabalho

A formatação do trabalho como um todo considera três elementos principais: (1) pré-textuais, (2) textuais e (3) pós-textuais. Cada um destes, pode se subdividir em outros elementos formando a estrutura global do trabalho, conforme abaixo (as entradas *itálico* são *opcionais*; em *itálico* e **negrito** são **essenciais**):

Pré-textuais

- Capa
- Folha de rosto
- *Dedicatória*
- *Agradecimentos*
- *Epígrafe*
- Resumo
- Abstract
- Lista de figuras
- Lista de tabelas
- Lista de símbolos e
- Sumário

Textuais

- ***Introdução***

- *Desenvolvimento*
- *Conclusões*

Pós-Textuais

- Referências bibliográficas
- *Bibliografia*
- Anexos
- Contracapa

Os aspectos específicos da formatação de cada uma dessas três partes principais do relatório são tratados nos capítulos e seções seguintes.

No modelo L^AT_EX, os arquivos correspondentes a estas estruturas que devem ser editados manualmente estão na pasta **editáveis**. Os arquivos da pasta **fixos** tratam os elementos que não necessitam de edição direta, e devem ser deixados como estão na grande maioria dos casos.

6.2 Considerações sobre formatação básica do relatório

A seguir são apresentadas as orientações básicas sobre a formatação do documento. O modelo L^AT_EX **já configura todas estas opções corretamente**, de modo que para os usuários deste modelo o texto de toda esta Seção é **meramente informativo**.

6.2.1 Tipo de papel, fonte e margens

Papel – Na confecção do relatório deverá ser empregado papel branco no formato padrão A4 (21 cm x 29,7cm), com 75 a 90 g/m².

Fonte – Deve-se utilizar as fontes Arial ou Times New Roman no tamanho 12 pra corpo do texto, com variações para tamanho 10 permitidas para a wpaginação, legendas e notas de rodapé. Em citações diretas de mais de três linhas utilizar a fonte tamanho 10, sem itálicos, negritos ou aspas. Os tipos itálicos são usados para nomes científicos e expressões estrangeiras, exceto expressões latinas.

Margens – As margens delimitando a região na qual todo o texto deverá estar contido serão as seguintes:

- Esquerda: 03 cm;
- Direita : 02 cm;

- Superior: 03 cm;
- Inferior: 02 cm.

6.2.2 Numeração de Páginas

A contagem sequencial para a numeração de páginas começa a partir da primeira folha do trabalho que é a Folha de Rosto, contudo a numeração em si só deve ser iniciada a partir da primeira folha dos elementos textuais. Assim, as páginas dos elementos pré-textuais contam, mas não são numeradas e os números de página aparecem a partir da primeira folha dos elementos textuais, que se iniciam na Introdução.

Os números devem estar em algarismos arábicos (fonte Times ou Arial 10) no canto superior direito da folha, a 02 cm da borda superior, sem traços, pontos ou parênteses.

A paginação de Apêndices e Anexos deve ser contínua, dando seguimento ao texto principal.

6.2.3 Espaços e alinhamento

Para a monografia de TCC 01 e 02 o espaço entrelinhas do corpo do texto deve ser de 1,5 cm, exceto RESUMO, CITAÇÕES de mais de três linhas, NOTAS de rodapé, LEGENDAS e REFERÊNCIAS que devem possuir espaçamento simples. Ainda, ao se iniciar a primeira linha de cada novo parágrafo se deve tabular a distância de 1,25 cm da margem esquerda.

Quanto aos títulos das seções primárias da monografia, estes devem começar na parte superior da folha e separados do texto que o sucede, por um espaço de 1,5 cm entrelinhas, assim como os títulos das seções secundárias, terciárias.

A formatação de alinhamento deve ser justificado, de modo que o texto fique alinhado uniformemente ao longo das margens esquerda e direita, exceto para CITAÇÕES de mais de três linhas que devem ser alinhadas a 04 cm da margem esquerda e REFERÊNCIAS que são alinhadas somente à margem esquerda do texto diferenciando cada referência.

6.2.4 Quebra de Capítulos e Aproveitamento de Páginas

Cada seção ou capítulo deverá começar numa nova página (recomenda-se que para texto muito longos o autor divida seu documento em mais de um arquivo eletrônico).

Caso a última página de um capítulo tenha apenas um número reduzido de linhas (digamos 2 ou 3), verificar a possibilidade de modificar o texto (sem prejuízo do conteúdo e obedecendo as normas aqui colocadas) para evitar a ocorrência de uma página pouco aproveitada.

Ainda com respeito ao preenchimento das páginas, este deve ser otimizado, evitando-se espaços vazios desnecessários.

Caso as dimensões de uma figura ou tabela impeçam que a mesma seja posicionada ao final de uma página, o deslocamento para a página seguinte não deve acarretar um vazio na página anterior. Para evitar tal ocorrência, deve-se reposicionar os blocos de texto para o preenchimento de vazios.

Tabelas e figuras devem, sempre que possível, utilizar o espaço disponível da página evitando-se a “quebra” da figura ou tabela.

6.3 Cópias

Nas versões do relatório para revisão da Banca Examinadora em TCC1 e TCC2, o aluno deve apresentar na Secretaria da FGA, uma cópia para cada membro da Banca Examinadora.

Após a aprovação em TCC2, o aluno deverá obrigatoriamente apresentar a versão final de seu trabalho à Secretaria da FGA na seguinte forma:

- 01 cópia encadernada para arquivo na FGA;
- 01 cópia não encadernada (folhas avulsas) para arquivo na FGA;
- 01 cópia em CD de todos os arquivos empregados no trabalho.

A cópia em CD deve conter, além do texto, todos os arquivos dos quais se originaram os gráficos (excel, etc.) e figuras (jpg, bmp, gif, etc.) contidos no trabalho. Caso o trabalho tenha gerado códigos fontes e arquivos para aplicações específicas (programas em Fortran, C, Matlab, etc.) estes deverão também ser gravados em CD.

O autor deverá certificar a não ocorrência de “vírus” no CD entregue a secretaria.

7 Considerações sobre os Elementos Textuais

7.1 Introdução

A regra mais rígida com respeito a Introdução é que a mesma, que é necessariamente parte integrante do texto, não deverá fazer agradecimentos a pessoas ou instituições nem comentários pessoais do autor atinentes à escolha ou à relevância do tema.

A Introdução obedece a critérios do Método Científico e a exigências didáticas. Na Introdução o leitor deve ser colocado dentro do espírito do trabalho.

Cabe mencionar que a Introdução de um trabalho pode, pelo menos em parte, ser escrita com grande vantagem uma vez concluído o trabalho (ou o Desenvolvimento e as Conclusões terem sido redigidos). Não só a pesquisa costuma modificar-se durante a execução, mas também, ao fim do trabalho, o autor tem melhor perspectiva ou visão de conjunto.

Por seu caráter didático, a Introdução deve, ao seu primeiro parágrafo, sugerir o mais claramente possível o que pretende o autor. Em seguida deve procurar situar o problema a ser examinado em relação ao desenvolvimento científico e técnico do momento. Assim sendo, sempre que pertinente, os seguintes pontos devem ser abordados:

- Contextualização ou apresentação do tema em linhas gerais de forma clara e objetiva;
- Apresentação da justificativa e/ou relevância do tema escolhido;
- Apresentação da questão ou problema de pesquisa;
- Declaração dos objetivos, gerais e específicos do trabalho;
- Apresentação resumida da metodologia, e
- Indicação de como o trabalho estará organizado.

7.2 Desenvolvimento

O Desenvolvimento (Miolo ou Corpo do Trabalho) é subdividido em seções de acordo com o planejamento do autor. As seções primárias são aquelas que resultam da primeira divisão do texto do documento, geralmente correspondendo a divisão em capítulos. Seções secundárias, terciárias, etc., são aquelas que resultam da divisão do texto de uma seção primária, secundária, terciária, etc., respectivamente.

As seções primárias são numeradas consecutivamente, seguindo a série natural de números inteiros, a partir de 1, pela ordem de sua sucessão no documento.

O Desenvolvimento é a seção mais importante do trabalho, por isso exige-se organização, objetividade e clareza. É conveniente dividi-lo em pelo menos três partes:

- Referencial teórico, que corresponde a uma análise dos trabalhos relevantes, encontrados na pesquisa bibliográfica sobre o assunto.
- Metodologia, que é a descrição de todos os passos metodológicos utilizados no trabalho. Sugere-se que se enfatize especialmente em (1) População ou Sujeitos da pesquisa, (2) Materiais e equipamentos utilizados e (3) Procedimentos de coleta de dados.
- Resultados, Discussão dos resultados e Conclusões, que é onde se apresenta os dados encontrados a análise feita pelo autor à luz do Referencial teórico e as Conclusões.

7.3 Uso de editores de texto

O uso de programas de edição eletrônica de textos é de livre escolha do autor.

Parte II

Texto e Pós Texto

8 Elementos do Texto

8.1 Corpo do Texto

O estilo de redação deve atentar a boa prática da linguagem técnica. Para a terminologia metrological usar o Vocabulário Internacional de Termos Fundamentais e Gerais de Metrologia (INMETRO, 2013).

Grandezas dimensionais devem ser apresentadas em unidades consistentes com o Sistema Internacional de Unidades (SI). Outras unidades podem ser usadas como unidades secundárias entre parênteses se necessário. Exceções são relacionadas a unidades não-SI usadas como identificadores comerciais como pro exemplo “disquete de 3¹/₂ polegadas”.

Na apresentação de números ao longo do texto usar vírgula para separar a parte decimal de um número. Resultados experimentais devem ser apresentados com sua respectiva incerteza de medição.

8.2 Títulos de capítulos e seções

Recomendações de formatação de seções (texto informativo: o L^AT_EX já formata as seções automaticamente, se utilizado o comando `\section{Nome da Seção}`):

1 SEÇÃO PRIMÁRIA - MAIÚSCULAS; NEGRITO; TAMANHO 12;

1.1 SEÇÃO SECUNDÁRIA – MAIÚSCULAS; NORMAL; TAMANHO 12;

1.1.1 Seção terciária - Minúsculas, com exceção da primeira letra; negrito; tamanho 12;

1.1.1.1 Seção quaternária - Minúsculas, com exceção da primeira letra; normal tamanho 12;

1.1.1.1.1 Seção quinária - Minúsculas, com exceção da primeira letra; itálico; tamanho 12.

8.3 Notas de rodapé

Notas eventualmente necessárias devem ser numeradas de forma seqüencial ao longo do texto no formato 1, 2, 3... sendo posicionadas no rodapé de cada página na qual a nota é utilizada.¹

¹ Como, por exemplo, esta nota. O L^AT_EX tomará conta da numeração automaticamente.

8.4 Equações

Equações matemáticas devem ser numeradas sequencialmente e alinhadas a esquerda com recuo de 0,6 cm. Usar numerais arábicos entre parênteses, alinhado a direita, no formato Times New Roman de 9 pts. para numerar as equações como mostrado na Eq. 8.1 (novamente, o \LaTeX formata as equações automaticamente).

Referências a equações no corpo do texto devem ser feitas como “Eq. 8.1” quando no meio de uma frase ou como “Equação 8.1” quando no início de uma sentença. Um espaçamento de 11 pontos deve ser deixado acima, abaixo e entre equações subsequentes. Para uma apresentação compacta das equações deve-se usar os símbolos e expressões matemáticos mais adequados e parênteses para evitar ambigüidades em denominadores. Os símbolos usados nas equações citados no texto devem apresentar exatamente a mesma formatação usada nas equações.

$$\frac{d\mathbf{C}}{dw} = \frac{du}{dw} \cdot \mathbf{F}_u + \frac{dv}{dw} \cdot \mathbf{F}_v \quad (8.1)$$

O significado de todos os símbolos mostrados nas equações deve ser apresentado na lista de símbolos no início do trabalho, embora, em certas circunstâncias o autor possa para maior clareza descrever o significado de certos símbolos no corpo do texto, logo após a equação.

Se uma equação aparecer no meio do parágrafo, como esta

$$x^n + y^n = z^n, \quad (8.2)$$

onde $x, y, z, n \in \mathbf{N}$, o texto subsequente faz parte do parágrafo e não deve ser indentado.

8.5 Figuras e Gráficos

As figuras devem ser centradas entre margens e identificadas por uma legenda alinhada a esquerda com recuo especial de deslocamento de 1,8 cm, com mostrado na Fig. (30). O tamanho das fontes empregadas nos rótulos e anotações usadas nas figuras deve ser compatível com o usado no corpo do texto. Rótulos e anotações devem estar em português, com todas as grandezas mostradas em unidades do SI (Sistema Internacional de unidades) (mais uma vez, o \LaTeX cuidará dos aspectos de formatação e fonte das figuras).

Todas as figuras, gráficos e fotografias devem ser numeradas e referidas no corpo do texto adotando uma numeração sequencial de identificação. As figuras e gráficos devem ser claras e com qualidade adequada para eventual reprodução posterior tanto em cores quanto em preto-e-branco.

As abscissas e ordenadas de todos os gráficos devem ser rotuladas com seus respectivos títulos em português seguida da unidade no SI que caracteriza a grandeza entre colchetes.

A referência explícita no texto à uma figura deve ser feita como “Fig. 30” quando no meio de uma frase ou como “Figura 30” quando no início da mesma. Referências implícitas a uma dada figura devem ser feitas entre parênteses como (Fig. 30). Para referências a mais de uma figura as mesmas regras devem ser aplicadas usando-se o plural adequadamente. Exemplos:

- “Após os ensaios experimentais, foram obtidos os resultados mostrados na Fig. 30, que ...”
- “A Figura 30 apresenta os resultados obtidos, onde pode-se observar que ...”
- “As Figuras 1 a 3 apresentam os resultados obtidos, ...”
- “Verificou-se uma forte dependência entre as variáveis citadas (Fig. 30), comprovando ...”

Cada figura deve ser posicionada o mais próxima possível da primeira citação feita à mesma no texto, imediatamente após o parágrafo no qual é feita tal citação, se possível, na mesma página. Em \LaTeX o comando `\label` deve suceder o comando `\caption` para que as referências às figuras fiquem com a numeração correta.

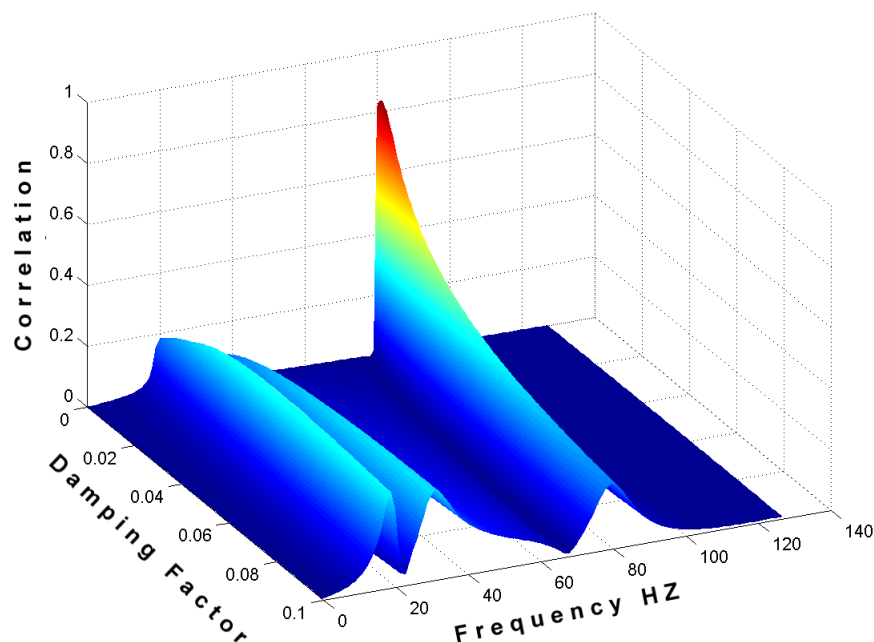


Figura 30 – Wavelets correlation coefficients

8.6 Tabela

As tabelas devem estar centradas entre margens e identificadas por uma legenda alinhada a esquerda, com recuo especial de deslocamento de 1,8 cm, posicionada acima da tabela com mostrado na Tab. 2, a título de exemplo. O tamanho das fontes empregadas nos rótulos e anotações usadas nas tabelas deve ser compatível com o usado no corpo do texto. Rótulos e anotações devem estar em português. Um espaçamento de 11 pts deve ser deixado entre a legenda e a tabela, bem como após a tabela. A numeração, a fonte e a formatação são automáticas quando se usa o \LaTeX .

As grandezas dimensionais mostradas em cada tabela devem apresentar unidades consistentes com o SI. As unidades de cada variável devem ser mostradas apenas na primeira linha e/ou coluna da tabela, entre colchetes

A referência explícita no texto à uma dada tabela deve ser feita como “Tab. 2” quando no meio de uma frase ou como “Tabela 2” quando no início da mesma. Referências implícitas a uma dada tabela devem ser feitas entre parênteses como (Tab. 2). Para referências a mais de uma tabela as mesmas regras devem ser aplicadas usando-se o plural adequadamente. Exemplos:

- “Após os ensaios experimentais, foram obtidos os resultados mostrados na Tab. 2, que ...”
- “A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos, onde pode-se observar que ...”
- “As Tabelas 1 a 3 apresentam os resultados obtidos, ...”
- “Verificou-se uma forte dependência entre as variáveis citadas (Tab. 2), comprovando ...”

Cada tabela deve ser posicionada o mais próxima possível da primeira citação feita à mesma no texto, imediatamente após o parágrafo no qual é feita a citação, se possível, na mesma página.

Tabela 2 – Propriedades obtidas após processamento

Processing type	Property 1 (%)	Property 2 [μm]
Process 1	40.0	22.7
Process 2	48.4	13.9
Process 3	39.0	22.5
Process 4	45.3	28.5

8.7 Citação de Referências

Referências a outros trabalhos tais como artigos, teses, relatórios, etc. devem ser feitas no corpo do texto devem estar de acordo com a norma corrente ABNT NBR 6023:2002 (ABNT, 2000), esta última baseada nas normas ISO 690:1987:

- “[Bordalo, Ferziger e Kline \(1989\)](#), mostraram que...”
- “Resultados disponíveis em ([COIMBRA, 1978](#)), ([CLARK, 1986](#)) e ([SPARROW, 1980](#)), mostram que...”

Para referências a trabalhos com até dois autores, deve-se citar o nome de ambos os autores, por exemplo: “[Soviero e Lavagna \(1997\)](#), mostraram que...”

9 Elementos do Pós-Texto

Este capítulo apresenta instruções gerais sobre a elaboração e formatação dos elementos do pós-texto a serem apresentados em relatórios de Projeto de Graduação. São abordados aspectos relacionados a redação de referências bibliográficas, bibliografia, anexos e contra-capas.

9.1 Referências Bibliográficas

O primeiro elemento do pós-texto, inserido numa nova página, logo após o último capítulo do trabalho, consiste da lista das referências bibliográficas citadas ao longo do texto.

Cada referência na lista deve ser justificada entre margens e redigida no formato Times New Roman com 11pts. Não é necessário introduzir uma linha em branco entre referências sucessivas.

A primeira linha de cada referência deve ser alinhada à esquerda, com as demais linhas da referência deslocadas de 0,5 cm a partir da margem esquerda.

Todas as referências aparecendo na lista da seção “Referências Bibliográficas” devem estar citadas no texto. Da mesma forma o autor deve verificar que não há no corpo do texto citação a referências que por esquecimento não foram incluídas nesta seção.

As referências devem ser listadas em ordem alfabética, de acordo com o último nome do primeiro autor. Alguns exemplos de listagem de referências são apresentados no Anexo I.

Artigos que ainda não tenham sido publicados, mesmo que tenham sido submetidos para publicação, não deverão ser citados. Artigos ainda não publicados mas que já tenham sido aceitos para publicação devem ser citados como “in press”.

A norma ([ABNT, 2000](#)), que regulamenta toda a formatação a ser usada na elaboração de referências a diferentes tipos de fontes de consulta, deve ser rigidamente observada. Sugere-se a consulta do trabalho realizado por ([ARRUDA, 2007](#)), disponível na internet.

9.2 Anexos

As informações citadas ao longo do texto como “Anexos” devem ser apresentadas numa seção isolada ao término do trabalho, após a seção de referências bibliográficas. Os anexos devem ser numerados sequencialmente em algarismos romanos maiúsculos (I,

II, III, ...). A primeira página dos anexos deve apresentar um índice conforme modelo apresentado no Anexo I, descrevendo cada anexo e a página inicial do mesmo.

A referência explícita no texto à um dado anexo deve ser feita como “Anexo 1”. Referências implícitas a um dado anexo devem ser feitas entre parênteses como (Anexo I). Para referências a mais de um anexo as mesmas regras devem ser aplicadas usando-se o plural adequadamente. Exemplos:

- “Os resultados detalhados dos ensaios experimentais são apresentados no Anexo IV, onde ...”
- “O Anexo I apresenta os resultados obtidos, onde pode-se observar que ...”
- “Os Anexos I a IV apresentam os resultados obtidos ...”
- “Verificou-se uma forte dependência entre as variáveis citadas (Anexo V), comprovando ...”

Referências

ARRUDA, M. B. B. Como fazer referências: bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documentos. 2007. Disponível em: <<http://bu.ufsc.br/framerefer.html>>. Citado na página 71.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: Informação e documentação — referências. Rio de Janeiro, 2000. Citado na página 71.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: Informação e documentação — trabalhos acadêmicos — apresentação. Rio de Janeiro, 2011. 15 p. Citado na página 3.

BORDALO, S. N.; FERZIGER, J. H.; KLINE, S. J. The development of zonal models for turbulence. In: *Proceedings of the 10th Brazilian Congress of Mechanical Engineering*. [S.l.: s.n.], 1989. v. 1, p. 41–44. Citado na página 69.

CLARK, J. A. Private communication. University of Michigan, 1986. Citado na página 69.

COIMBRA, A. L. Lessons of continuum mechanics. São Paulo, Brazil, p. 428, 1978. Citado na página 69.

INMETRO. *Vocabulário internacional de termos fundamentais e gerais de metrologia*. Rio de Janeiro, Brasil, 2013. 75 p. Citado na página 65.

SOVIERO, P. A. O.; LAVAGNA, L. G. M. A numerical model for thin airfoils in unsteady motion. In: *Journal of the Brazilian Society of Mechanical Sciences*. [S.l.: s.n.], 1997. v. 19, n. 3, p. 332–340. Citado na página 69.

SPARROW, E. M. Forced convection heat transfer in a duct having spanwise-periodic rectangular protuberances. In: *Numerical Heat Transfer*. [S.l.: s.n.], 1980. v. 3, p. 149–167. Citado na página 69.

Apêndices

APÊNDICE A – Primeiro Apêndice

Texto do primeiro apêndice.

APÊNDICE B – Segundo Apêndice

Texto do segundo apêndice.

Anexos

ANEXO A – Primeiro Anexo

Texto do primeiro anexo.

ANEXO B – Segundo Anexo

Texto do segundo anexo.